

EBED-MELEC, O CUCHITA, SALVA JEREMIAS DA CISTERNA

Um testemunho de seguimento profético no tempo do cerco e queda de Jerusalém (Jeremias 38,7-13 e 39,15-18)

Maricel Mena López

Introdução

O livro do sofrimento de Jeremias, historicamente, tem merecido atenção e destaque principalmente em tempos conturbados, marcados pelas lutas de libertação. Hoje, os interesses concentram-se tanto nas possíveis abordagens hermenêuticas quanto no possível significado eclesial do movimento profético. O desafio principal deste artigo é a confrontação destes textos com a linha profética tradicional centrada na figura do profeta Jeremias. Então as perguntas básicas que norteiam este artigo são: existem outros grupos proféticos provenientes de outras culturas e religiões além dos profetas oficiais na história de Israel? E qual seu significado e aporte ao profetismo israelita?

Proponho estudar historicamente os grupos implícitos nos textos de Jr 38,7-13 e 39,15-18, os quais têm sido tradicionalmente interpretados como secundários, grupos como: o de Ebed-melec, dos trinta homens, a comunidade de Jeremias. Nossa atenção se voltará à caracterização sociocultural destes grupos. O estudo exegético poderá ajudar-me nesta caminhada. Trazendo à luz algumas pistas que foram pouco exploradas na história interpretativa e em seus pressupostos com estes textos. Num primeiro momento, faço alguns apontamentos que me permitem situar o texto dentro de um contexto histórico maior. Em seguida, me aproximo ao lugar social dos grupos implícitos nos textos. Ainda num terceiro momento, o estudo da autoria complementa nossas hipóteses quanto ao lugar social de nossos textos. Finalmente, concluo o trabalho com alguns apontamentos para uma leitura da história do povo de Israel a partir das influências socioculturais e religiosas dos povos estrangeiros, especialmente etíopes.

1. Data e finalidade

Como todos os livros proféticos, o de Jeremias foi composto no tempo da volta da comunidade dos exilados na Babilônia. Isto é, depois dos acontecimentos do cerco e queda de Jerusalém, provavelmente em torno dos anos 586.

Os capítulos de Jeremias 37–45 durante muito tempo foram considerados como uma biografia do profeta, centrada especialmente nos seus sofrimentos (a paixão de Jeremias). Mas estes relatos omitem demasiados dados para serem considerados como biografia. E seu objetivo não se restringe ao compadecimento ou à glorificação do profeta. O interesse histórico é evidente nos capítulos centrados na sorte de Jerusalém e de seus habitantes (Jr 37–39). O ensinamento de Jeremias não é novo: ele repete que é necessário render-se ao rei de Babilônia. O profeta, apesar de tudo, conserva alguns fiéis, inclusive no círculo do rei, como Ebed-melec (38,7-13 e 39,15-18). Além da descrição dos

destinos dos habitantes de Jerusalém, estes caps. 37–39 se ocupam também com a palavra de Deus transmitida pelos seus mensageiros e a reação que têm a ela distintos grupos de pessoas: uns a assimilam, outros se calam e outros a rejeitam. E estes mensageiros não se restringem aos profetas israelitas, pois a história de Israel está inserida na história política, econômica e social de outros povos. Dentro destes pressupostos globais há diversos enfoques e preocupações teológicas, onde há espaço para uma profecia vinda de nações estrangeiras, como é a profecia representada na figura do etíope. Mas o que se resgata como primordial é o seguimento da palavra de Deus.

2. Motivação histórica

Os acontecimentos narrados nos textos correspondem ao período de reinado do rei Sedecias: 597-587. A deportação de 597 causou um grande impacto popular. Pois fica evidente que Deus não defende o povo de maneira incondicional. No ano 593, os reis de Edom, Moab, Amon, Tiro e Sídon enviam mensageiros a Jerusalém para fomentar a rebelião contra Babilônia (27,3). Jeremias se opõe acreditando que o Senhor entregou todo esse território a Nabucodonosor. O profeta considera inútil e suicida rebelar-se contra os supostos planos divinos. Não se sabe se é por motivos religiosos ou por prudência política que Sedecias rejeita a idéia de se rebelar. No ano 588, Sedecias nega o tributo à Babilônia. Isto provoca o cerco imediato de Jerusalém por parte de Nabucodonosor. Jeremias dirige sua mensagem a dois grupos: aos desterrados e aos que ficam em Jerusalém. Jeremias não cai na simplificação de chamá-los bons ou maus pelo simples fato de sua situação geográfica. Mas ambos têm que suportar o fato de que Javé os entregou nas mãos de um rei pagão e estrangeiro. Para os habitantes de Judá e Israel equivale a renunciar a sua independência política. Por isso a expectativa de uma nova época (conversão e castigo) se concretiza na submissão à Babilônia. Esta é a maneira de aceitar a Deus e é também a garantia de resgate de vidas do povo.

3. O tecido do livro do sofrimento de Jeremias (Jeremias 37–45)

O relato de Jeremias 38,7-13 desempenha um papel importante dentro do conjunto do livro sobre a vida sofrida de Jeremias (capítulos 37–45). É importante pelo destaque que o bloco da paixão tem dentro do livro, e pela relevância histórica que estes acontecimentos, em torno ao ano de 587 (cerco e queda de Jerusalém), ocuparam na história do povo israelita. A história dos sofrimentos de Jeremias já é anunciada no cap. 36, que alguns intérpretes deslocam para o começo dessa segunda parte das narrações.

Temos então em 37,1-10 o possível início do livro do sofrimento. Esta unidade é como o cabeçalho introdutório no qual se faz a exposição do cenário do problema.

Pode-se dizer que 37,1-2 é a primeira cena introdutória. Na cena seguinte 37,3-10 Jeremias anuncia a Sedecias que o rei babilônico voltará vitorioso. Jeremias, aproveitando então uma certa tranqüilidade, dirige-se à terra de Benjamim para uma partilha de terras mas, sendo acusado de desertor, é preso (37,11-16). Jeremias fala com o rei Sedecias, lhe repete a mensagem e faz também um pedido a seu favor. Como consequência disso, Jeremias é transportado do cárcere para o pátio da guarda (v.

17-21). Os comandantes decidem matá-lo de fome colocando-o na cisterna (38,1-6), mas Ebed-melec consegue sua libertação (38,7-13). Assim chega-se ao momento final do cerco. Sedecias fala em segredo com Jeremias e este insiste que só a redenção conseguirá salvá-lo (v. 14-28a), mas o rei não faz caso e, além disso, já é demasiado tarde. Segue-se a queda de Jerusalém (38, 28b–39,14), a mensagem de Javé para Jeremias a respeito de Ebed-melec (39,15-18) e a libertação final de Jeremias (40,1-6).

Embora o conjunto literário da paixão de Jeremias compreenda os capítulos 37–45, considero que o bloco que abrange os capítulos 37,1 a 40,6 sintetiza um momento crítico do sofrimento do profeta. E este sofrimento condensa-se na experiência de morte vivida pelo profeta devido à falta de pão na cisterna (lodo/lama). Além disso, de 40,7 até 41,18, a figura de Jeremias desaparece e Godolias é introduzido. Isto sem dúvida tem conexão com a cena precedente na qual Godolias liberta ao profeta, por isso não se pode falar de uma quebra literária e sim de uma nova unidade de sentido.

Pode-se dizer que nosso episódio 37,7-13 está ancorado nas unidades literárias imediatas. Em 37,21b; 38,13b; 38,28a “Jeremias permanece no pátio da guarda”; parece que há a intenção de apresentar um certo enquadramento. Jeremias é deslocado de vários espaços mas é conduzido de regresso ao pátio da guarda.

O cap. 39, tal como se apresenta, tem como finalidade contar a sorte das personagens que até então aparecem no livro. Sedecias, Jeremias, a cidade, Ebed-melec. O oráculo de 39,15-18 deveria ter sido lido no final de 38,13, mas pela lógica interna do livro no lugar onde se lê contribui ao jogo de contrastes que se vão observando: Sedecias/Jeremias, resto do povo/pobres, comandantes/Ebed-melec.

Até aqui nos aproximamos de uma maneira ampla do conjunto do livro do sofrimento de Jeremias. Cabe-nos agora aproximarmo-nos do tecido interno de nosso episódio 38,7-13, que é o objeto deste estudo.

4. O texto de Jeremias 38,7-13

O episódio de Jr 38,7-13 não só se caracteriza como a memória do sofrimento de Jeremias, mas também como memória do seguimento profético de Ebed-melec. Ditas memórias focalizam o período do reinado de Sedecias, principalmente o que diz respeito ao período do cerco de Jerusalém. O texto é rico em detalhes, que mostram de maneira dramática a situação do profeta e a forma como este é libertado da cisterna.

Neste texto há três figuras centrais que dinamizam a narrativa em seu conjunto. Temos, em primeiro lugar, Ebed-melec, a quem considero a personagem principal por ser quem enfrenta a política do rei e de seus comandantes. Este é nomeado cinco vezes em todo o relato, três vezes menos do que Jeremias, a personagem secundária que, aparentemente passiva, motiva e dinamiza a narrativa. Três vezes é nomeado o rei no relato. Este é quem ordena a solução da trama. Pela importância que o autor dá a esta personagem há a intenção de mostrar uma certa inocência deste a respeito da situação de Jeremias.

O texto está ancorado no oráculo proferido em 38,2: “aquele que se senta em meio da cidade, morrerá pela espada, pela fome e pela peste e aquele que sai para os

caldeus viverá e tem sua vida para despojo”. O verbo “sentar-se” “habitar” (*yxb*) aparece no v. 7 para se referir ao rei que está na porta de Benjamim. Segundo Alonso Schökel, o rei estava “sentado” para despachar assuntos, conceder audiências, administrar justiça (Jr 22,3-15). Nos momentos finais do cerco como o rei poderia estar sentado cumprindo esta tarefa? O oráculo é claro, não é o momento de sentar-se e sim de sair para os caldeus. Com isso o rei garante sua morte. Ebed-melec, por ser aquele que sai (v. 8), viverá e terá sua vida para despojo (39,15). Nosso texto encaminha o cumprimento posterior deste oráculo. Assim entendido, apresenta, ainda, um projeto fundamental que consiste na defesa de vidas humanas nos tempos do cerco babilônico. Vejamos o texto.

⁷*E escutou Ebed-melec o cuchita – homem eunuco da casa do rei – que tinham colocado a Jeremias na cisterna e o rei estava sentado na porta de Benjamim.*

⁸*E saiu Ebed-melec da casa do rei e falou ao rei, dizendo: ⁹“Meu senhor, ó rei, há maldade nestes homens em tudo quanto fizeram para Jeremias o profeta, atirando-o à cisterna. Lançando-o na cisterna, ele vai morrer na presença da fome, pois além disso não existe nada de pão na cidade”. ¹⁰E ordenou o rei a Ebed-melec o cuchita dizendo: “Toma em tua mão trinta homens e subam a Jeremias o profeta da cisterna antes que ele morra”.*

¹¹*E tomou Ebed-melec aos homens em sua mão e entraram na casa do rei debaixo do tesouro e tomou da dispensa uma corda e pedaços de panos velhos, e os lançaram até Jeremias na cisterna. ¹²E disse Ebed-melec o cuchita a Jeremias: “Vamos, coloca-te a corda e os pedaços de panos velhos rasgados debaixo das axilas de teus braços, debaixo das cordas”. E assim o fez Jeremias. ¹³E puxaram a Jeremias pelas cordas, subiram-no da cisterna e Jeremias ficou no pátio da guarda”.*

Deve-se em primeiro lugar afirmar o caráter autônomo da nossa unidade. O texto não só se apresenta claramente delimitado como tem sua coesão bastante consistente. Ou seja, estamos diante um episódio completo. Não é difícil percebê-lo. O v. 7 apresenta-se claramente como um início: uma personagem que apresenta a “trama”. E também não há dúvida que ela se encerra no v. 13, já que no versículo seguinte se tem a narração de um outro episódio que é independente de 38,7-13, mas que continua o ciclo literário do sofrimento de Jeremias. Seu desenrolar é límpido, do início até o fim. Os critérios tidos em conta para a divisão correspondem às mudanças do cenário de Ebed-melec, personagem condutor do relato e aos verbos em imperfeito consecutivo que marcam uma ação pontual no início das unidades.

4.1. Seqüência da narrativa

O conjunto do texto se constitui de uma cena bem estruturada: A ação dramática repara-se numa introdução (v. 7) que apresenta o assunto. Numa primeira cena (v. 8-10) que mostra o desfazimento da trama e numa cena final (v. 11-13) que soluciona o assunto.

- *E escutou Ebed-melec, o cuchita (v. 7)*

O episódio é introduzido com o verbo “escutar” (*xm*). Que pessoa ou grupo de pessoas teriam informado a Ebed-melec a respeito de Jeremias? Por que se dirigiram a ele? Estas questões serão abordadas posteriormente, o que importa aqui é ressaltar que este verbo inicial dá a pauta à narrativa em seu conjunto. A escuta desencadeia a fala e ação.

Este versículo é introdutório. Nele é apresentada a situação inicial, o cenário problemático que justifica a narração e seu desenrolar: um problema, uns personagens e um espaço de atuação dos mesmos. Também neste versículo se descreve o espaço de atuação das personagens onde acontecem as cenas. Esta geografia possibilita o deslocamento de Ebed-melec: da casa do rei à porta de Benjamin, à casa do rei, à cisterna e ao pátio da guarda. Este deslocamento dinamiza e agiliza a narrativa em seu conjunto.

- *E saiu Ebed-melec... e falou ao rei (v. 8-10)*

Novamente a cena é introduzida com um verbo, neste caso um verbo de deslocamento: “sair” (*ys*). Ebed-melec sai com um objetivo claro, que é procurar a liberdade do profeta. Para isto, se dirige ao rei. Como poderia ter certeza de que seria ouvido? Qual seria então a importância e influência deste junto ao rei?

Os v. 8-10 descrevem o apelo de Ebed-melec e a resposta do rei em forma de diálogo narrativo. O apelo é apresentado como uma denúncia profética. Denúncia, pois acusa a atuação de personagens importantes da corte, influentes na vida política. Profética enquanto questiona a prática pouco solidária destes e até do próprio rei.

- *E tomou Ebed-melec (v. 11-13)*

A cena final também é introduzida com um verbo de ação “tomar” (*lqh*). A resposta do cuchita é imediata, ele dispõe dos trinta homens assim como o rei lhe ordenou. Esta cena descreve com muitos detalhes o desenlace da trama. Jeremias deve ser libertado da cisterna antes que morra.

Esta cena está cheia de verbos em movimento (tomar, lançar, colocar, puxar, subir) que dão vida e ação à narrativa. O objetivo é logrado com a liderança do etíope e dos trinta homens que o ajudam na missão.

4.2. *Gênero literário*

A abordagem do gênero implica principalmente reconhecer que nosso texto faz parte de um conjunto de “formas” já classificadas na investigação bíblica. Por isso muitas vezes corremos o perigo de classificá-lo dentro do grande conjunto de gêneros literários existentes, o que talvez possa violentar sua forma e conteúdo.

Contudo, proponho classificar nosso texto como um relato dramático. Trata-se de narrações de episódios, contados com grande vivacidade e dramaticidade. É dramático por se tratar de uma composição dialogada ou teatral na qual o cômico se mistura com o trágico. O cômico e o trágico estão claramente presentes nos v. 10 e 12,

quando se precisa não de três senão de trinta homens para salvar a Jeremias e quando o etíope explica em detalhe a função dos panos e da corda. Será que dois ou três homens não são suficientes para tirar Jeremias? Será que Jeremias não saberia a função dos panos e da corda? A forma minuciosa com que são narrados os acontecimentos e o caráter relevante das relações que se estabelecem entre as personagens dão origem à ação dramática. Ao incorporar diálogo entre as personagens, aproxima-se a uma representação teatral. Quando introduz uma voz que comenta, que maneja os elos e que constrói a ação, o relato também apresenta uma função poética. Por isso, a presença do narrador não é meramente monolítica. Ele se dirige a alguém estabelecendo uma relação com suas leitoras/es. É precisamente em termos de comunicação que o relato se abre à interpretação hermenêutica.

É interessante perceber a forma com que o narrador conduz a ação e movimentava as personagens. Ebed-melec é caracterizado a partir de consecutivos verbos no imperfeito, “ouviu” “saiu” “tomou”, que lhe dão vida ao movimentar suas ações. O rei igualmente é apresentado com um verbo imperfeito “ordenou” seguido de dois verbos imperativos “toma”, “subam”. Em seu estilo narrativo o autor parece ter preferência por acrescentar elementos proféticos estilísticos para explicar a mensagem do texto. Assim concordamos que o texto em si é um anúncio e cumprimento profético destinado aos grupos e comunidades, cujo interesse centraliza-se numa leitura atualizada da prática profética a favor da vida. Talvez por se tratar do cumprimento da prática messiânica é que o autor emprega constantemente imperfeitos e imperativos que enfatizam a ação pontual e instantânea a realizar.

4.3. O tecido social da narrativa

Como nosso interesse centra-se principalmente no perfil religioso e simbólico dos grupos ou comunidades presentes no texto, a nossa atenção se voltará à caracterização dos grupos implícitos, como também nas relações solidárias e conflituosas que se tecem entre eles.

A seqüência narrativa aponta elementos importantes tais como: a escuta, a fala e a ação não só de Ebed-melec mas também de outras pessoas contidas no relato, que permitem que o objetivo se desenrole com sucesso. O texto em si dá idéia da existência de grupos organizados neste período. Havia um grupo que tinha o poder representado no rei e seus comandantes, o grupo dos trinta, provavelmente soldados a serviço da corte. Um grupo de servos ou funcionários de menor categoria representados na pessoa de Ebed-melec, e finalmente o grupo do profeta que pode ser o grupo no qual se inserem os pobres. Cabe agora uma aproximação a estes grupos.

4.3.1. O grupo de Sedecias

Como já apontamos, este grupo é formado por Sedecias e seus comandantes. Eles centralizavam o poder político e religioso (38,1-6). Quais são os funcionários da administração do reinado sob Sedecias? Parece ser um grupo de nobres com muita influência sobre o reino (38,1-6). Mas essa participação tem conseqüências desastrosas

para o povo que tem que sofrer miséria, morte e deportação. A posição de Sedecias diante deste povo não é fácil, sobretudo porque tem que atender aos interesses dos comandantes que o pressionam a resistir ao cerco babilônico. O resultado é previsto por Jeremias: a atitude do rei o levaria não só à sua própria destruição como também à destruição da cidade.

4.3.2. O grupo de Jeremias

O texto nos dá a idéia de que Jeremias não atuava sozinho na sua empreitada contra o rei e seus comandantes, pessoas contrárias à submissão babilônica. Associadas a Jeremias há outras pessoas seguidoras, como o mesmo Ebed-melec o cuchita, também Baruc e a família de Safã. Estas últimas têm forte influência no reino. Desempenham papéis importantes na administração do palácio real e até do próprio reino. Elas estão no templo e no palácio, e têm a liberdade de reunir-se entre si, e tomarem decisões longe do rei, com quem tentam manter uma boa relação.

4.3.3. O grupo de Ebed-melec

Embora tenha caracterizado o etíope como pertencente ao grupo de Jeremias, uma aproximação à dita personagem se faz necessária. Isto para compreender melhor sua função dentro da corte.

O termo Ebed-melec não corresponde a um nome próprio. Etimologicamente Ebed-melec significa “servo do rei”. A partir daí surge uma questão que considero crucial: será que um servo estrangeiro tem poder suficiente para mudar a mente do rei e também o transcurso da história? De fato, o rei já tinha ordenado a morte de Jeremias, mas sua intervenção faz com que este mude de idéia a respeito da situação do profeta. Portanto, seu papel na corte não se reduz unicamente ao serviço doméstico e ao cuidado do harém real. Há pois dentro da corte de Jerusalém uma grande influência cultural, política e religiosa destes povos etíopes. Este funcionário etíope também é designado como eunuco. Uma aproximação histórica a este conceito no Israel antigo nos ajudará a compreender melhor sua função. Mas antes é importante apontar o fato de se tratar de um homem anônimo, pois não tem nome próprio. São então os pequenos: escravos, mulheres (38,22) anônimas encarregadas de transmitir ao rei o perigo de seguir os interesses de seus comandantes.

Ebed-melec é apresentado fazendo várias jornadas: da casa do rei para a porta de Benjamim, regressa à casa do rei e então vai para a cisterna e ao pátio da guarda. Ele é um homem ocupado. É um funcionário de fácil acesso ao rei, que tem plena consciência de que sua palavra pode balançar as ações e decisões do rei. O apelo deste em nome de Jeremias tem êxito. Mas, contudo, é interessante observar, como diz Alicia Winters, “que o rei não manda Jeremias de volta à cisterna, mas tampouco o liberta, e Jeremias permanece preso no pátio da prisão”. Por que essa libertação é parcial? No texto paralelo 34,8-22, onde Sedecias liberta os escravos, vemos que “libertar” os escravos era condená-los a morrer de fome. Portanto a atuação do etíope tem sucesso, a libertação total do profeta nessas circunstâncias equivale a matá-lo de fome.

Em algumas ocasiões, uma figura oficial é apresentada nos textos como ajudante do profeta durante o período de crise da sua carreira (38,7-13; também Baruch em 36,5). A única designação de homem eunuco *'ix saris*, feita para Ebed-melec na narrativa, aparece no v. 7.

Para Yeivin, dois funcionários são nomeados na Bíblia com o termo *saris*: “Natã-melek” (2Reis 23,11) e “Ebed-melec o homem cuchita” (Jeremias 38,7); eles são funcionários secundários que serviram como mensageiros em várias ocasiões. Provavelmente o nome é derivado de *sas res (sari)*, título assírio que significa “aquele que está do lado do rei”. Segundo o autor, este título não pode ter sido tomado emprestado pelos israelitas antes do aparecimento da influência assíria na segunda metade do século IX aC. Nesta época não há evidência da castração e maltrato destes oficiais. Porém, supondo que Ebed-melec “homem que é um *saris*” seja entendido como um homem castrado, esta referência é feita a um não-judeu no período neobabilônico. Será que os estrangeiros não-judeus tiveram realmente esta prática? Ou simplesmente assumiram este título como oficiais conselheiros e não no sentido etimológico de “castrado”? Sabe-se que, na Mesopotâmia, os eunucos faziam parte do pessoal a serviço do culto, sobretudo do culto de Ishtar; frequentemente eram oficiais reais. Também para Robert North o *saris* é um alto funcionário da corte e se pode traduzir como “homem de confiança da corte de Jerusalém”, como no caso de Putifar (Gn 37,36; 39,1; 42,2), homem casado, que ocupa o cargo de chefe da guarda.

Para nosso estudo é interessante sustentar a hipótese de que Ebed-melec seja um funcionário de confiança que atua como conselheiro do rei, isto pelo grande poder de persuasão que lhe permite mudar a idéia do rei a respeito de Jeremias. Deve-se então afirmar que o papel de conselheiro é de maior prestígio real do que o papel dos comandantes. A função do etíope na narrativa não se reduz a um simples funcionário real. Ele introduz elementos importantes na história de mediações proféticas no desenvolvimento da história. Quer dizer que Ebed-melec para o autor tem uma função especial, ele é mediador de um projeto. A denúncia profética proferida por Ebed-melec é testemunho da militância do grupo a favor de Jeremias que tem atuação na casa real.

O texto também nos informa que se trata de um homem do país de Cuch. Este dado é omitido pela maioria dos comentaristas deste relato. Contudo, pela limitação que tem este estudo, só posso afirmar que os povos etíopes exerceram uma participação especial neste período até o ponto de fazerem-se prosélitos judeus adoradores e seguidores do profetismo israelita.

4.3.4. O grupo dos trinta homens

Quem são os trinta homens? De onde Ebed-melec toma os homens? O texto não nos permite afirmar nem negar que se trate de funcionários da corte. Mas se pode pensar que se trata de homens do povo que foram recrutados como soldados. Neste sentido, eles também formam parte do grupo de Jeremias que está a serviço do palácio.

Em suma, este ponto nos possibilitou uma aproximação aos diversos grupos que ouvem, assimilam e também rejeitam a linha profética. Destaco, de forma especial, o

grupo de seguidores anônimos que estão ali dando testemunho de que a palavra de Deus não é exclusiva da figura do profeta. Nesse sentido nosso estudo seguinte da autoria do texto ajuda-nos no reforço social dos grupos implícitos.

4.4. Autoria do texto

Ainda que a tendência exegética assuma o livro de Jeremias como sendo fruto de uma autoria múltipla, a análise estrutural proposta por Jorge Torreblanca permite-nos levantar a hipótese de que seja o produto de um editor ou um autor original. Sendo assim, podemos afirmar que em 38,7-13 e 39,15-18 temos um material de uma única autoria.

Pela intensidade de detalhes do relato podemos pensar que estamos diante de um autor piedoso que conta dramaticamente as histórias de Jeremias no tempo do cerco de Jerusalém. Digo piedoso, primeiro, porque apresenta em detalhe o sofrimento do profeta; segundo, pela simpatia que tem para com o rei. E, finalmente, por apresentar a atitude do etíope como desígnio de Deus no capítulo 39,15-18.

Embora o autor apresente uma história exemplar de seguimento profético, seu posicionamento ante o governo de Sedecias não é de confronto total. Como entender isto? De um lado, compartilha as posturas do profeta ao apresentar com detalhe seu sofrimento e liberação. De outro, é simpatizante de Sedecias quando tenta inocentá-lo de suas ações contra Jeremias. Principalmente quando põe em sua boca as palavras concentradas no v. 10: “subam a Jeremias da cisterna antes que ele morra”. Desta forma o autor tem interesse em mostrar uma certa inocência do rei. Apesar disso, o autor é claro, ele não compartilha das atitudes do rei mas não o considera seu inimigo.

O autor apresenta uma teologia simples, do povo. Isto se deduz nos detalhes com que o texto é apresentado, especialmente nos v. 11-13. Será que um redator deuteronomista se preocuparia com os detalhes? Por que a narrativa é tão descritiva? Estas questões nos permitem concluir que não estamos diante de um editor de origem deuteronomista e sim diante de um autor do movimento profético popular que conta de maneira simples, popular, como Javé intervém junto àqueles que agiram conforme ele pede nos tempos do cerco e queda de Jerusalém.

Deve-se estudar de maneira conjunta Jeremias 38,7-13 e 39,15-18. Isto, por se tratar de duas narrativas referentes à vida de Ebed-melec. A primeira nos apresenta a atuação da personagem ante uma situação concreta, a morte do profeta. A segunda nos narra o destino que Javé traça para as mesmas personagens nos momentos finais da queda da cidade.

O relato de Jeremias 39,15-18 é muito importante para a compreensão teológica da atuação do etíope em 38,7-13, e é por isso que os textos têm que ser estudados conjuntamente. Temos no relato de 39,15-18 um oráculo profético que bem poderia ter sido escrito antes ou depois da queda de Jerusalém. Não se tem certeza sobre isto, mas, pela posição que ocupa dentro do livro, quer apresentar os destinos das personagens do ciclo do sofrimento.

5. Jeremias 39,15-18

O conjunto do livro do sofrimento de Jeremias atende aos interesses de certa tradição que quer demonstrar com exemplos concretos a relação que tem o profeta com Javé (v. 15). Uma evidência desta relação é apresentada neste episódio que parece sofrer um deslocamento intencional para depois da queda de Jerusalém. No entanto, esta relação também se faz por meio de certas personagens como Ebed-melec e Baruc no cap. 45,4-5. Vejamos o texto:

¹⁵E para Jeremias aconteceu a palavra de Javé enquanto estava preso no pátio da guarda dizendo: ¹⁶Anda e diz para Ebed-melec o cuchita: “Assim diz Javé dos exércitos, Deus de Israel:

Eis-me trazendo minhas palavras para esta cidade,
para mal e não para bem:
Ai de vós em tua presença nesse dia.

¹⁷E acontecerá diante de ti nesse dia – oráculo de Javé –
que não serás entregue na mão desses homens que tu temes;

¹⁸pois certamente te salvarei e pela espada não cairás;
e terás para ti tua vida como despojo,
pois tu confiaste em mim – oráculo de Javé.”

Chama nossa atenção o v. 17b: “não serás entregue na mão desses homens que tu temes”. A quais homens teme Ebed-melec? Os caldeus teriam interesse de fazer-lhe dano? Como funcionário do rei, o cuchita teria os mesmos inimigos de Sedecias? Ou pode-se pensar também que os inimigos sejam os comandantes inimigos de Jeremias? São seus inimigos por tê-los acusado de suas obras ante o rei (38,9)? Esta hipótese me parece improvável pois os comandantes poderiam tê-lo matado em qualquer fase do cerco babilônico. Uma outra possível resposta está no oráculo 38,2: “quem se senta na cidade morrerá pela espada”. Ebed-melec, ao ser funcionário da corte, corre o perigo de morrer pela espada. Este pode ser o motivo de seu temor?

Até que ponto este oráculo está unido ao episódio de 38,7-13? Em uma das histórias sobre o cerco de Jerusalém é difícil determiná-lo. O texto de 38,7-13 não oferece nenhuma das razões da atuação de Ebed-melec para com Jeremias. De acordo com o v. 18 a libertação de Ebed-melec se deve à sua confiança em Javé. Segundo o texto não é a atitude deste para com Jeremias o que proporciona sua salvação mas a confiança em Javé subscreve seu próprio destino. Ebed-melec é, para o narrador, um exemplo piedoso de quem sobrevive a qualquer circunstância por causa da confiança em Javé.

No entanto, o relato tem como finalidade o fechamento do ciclo dos destinos das personagens do livro do sofrimento de Jeremias. Assim sendo, a confiança que Ebed-melec tem para com Javé deve unir-se à atitude deste para com Jeremias. Javé premia o etíope pela sua confiança e pelas suas obras. Ele ganhou sua própria vida para despojo tal como foi dito em 38,2. Mas o que significa garantir a vida neste contexto? Parece que esta se apresenta como única esperança de restauração.

6. Linhas teológicas do seguimento profético proposto por Ebed-melec

É comum afirmar que Jeremias, nestas narrativas, é o grande intermediário de Deus. Mas, pelos elementos levantados em nossos estudos, podemos afirmar que Deus não se manifesta só no sofrimento do profeta. Junto a ele temos outros grupos que, aparentemente ocultos, estão fazendo uma teologia popular, estão agindo a favor da preservação da vida e da esperança. Ebed-melec apresenta-se como uma das lideranças destes grupos de pequenos que, embora subalternos do palácio real, desde sua práxis estão resistindo e construindo.

Essa resistência manifesta-se na denúncia profética feita a Sedecias e seus comandantes. É a esse grupo que Ebed-melec se dirige: “Meu senhor, o rei, há maldade nestes homens em tudo quanto fizeram para Jeremias o profeta, atirando-o à cisterna. Pois que, lançando-o na cisterna, ele vai morrer na presença da fome, pois além disso não existe nada de pão na cidade” (v. 9). Na versão grega o v. 9b é muito mais direto: “há mal no que você fez para matar este homem de fome”. Neste versículo Ebed-melec intervém ante o rei em nome de Jeremias. Essa intervenção parece indicar que estamos diante de um texto que questiona diretamente a autoridade do rei. Esta afirmação tem eco em 38,4-5, onde os comandantes agem com seu consentimento. Assim, o etíope enfrenta diretamente este grupo que dirige com maldade o reino. Quer dizer, aqueles que atuam segundo seus próprios interesses.

Nesta denúncia profética encontram-se alguns elementos históricos reveladores de especial interesse. Um primeiro elemento profético consiste na preocupação do funcionário etíope de equilibrar o clima de hostilidades dos comandantes. Um segundo elemento é a apresentação de um problema fundamental, a falta de pão, não só para Jeremias mas também para o povo. Em 37,21 o rei ordena prover a Jeremias com o pão diário. Mas no v. 9a ele adverte que o profeta vai morrer de fome. O terceiro elemento consiste na seguinte pergunta: Como Jeremias veio parar na cisterna nos dias finais do cerco? Segundo Robert P. Carroll, estes elementos reveladores podem pertencer à arte histórica e reveladora que domina todo o ciclo do sofrimento de Jeremias, especialmente nos v. 37-41. Deus revela-se na história das personagens da narrativa.

A teologia proposta pelo autor a respeito da atuação de Ebed-melec é bastante descritiva. Em 38,11-13 Ebed-melec volta à casa do rei com alguns homens a seu mando e leva consigo cordas para puxar Jeremias da cisterna. A cena descreve cuidadosamente o procedimento. As cordas e os panos velhos são trazidos da dispensa que fica embaixo da tesouraria. Os panos são para que o profeta não se machuque ao puxar as cordas. O etíope se preocupa por resguardar o profeta da dor. O redator narra cuidadosamente este procedimento. Os panos utilizados não são novos, são velhos; mas, embora velhos, têm uma função fundamental que é aliviar a dor. Então, estes panos cumprem a função de Javé, de um Javé que se manifesta humildemente para aliviar o sofrimento do profeta.

Ebed-melec, um funcionário estrangeiro, é o mediador desta teologia simples, popular, que a partir do espaço cotidiano se vale de seus próprios recursos para apresentar um Javé que atua no meio do povo. Neste sentido, podemos dizer que ele se

apresenta como um grande intermediário dos desígnios de Javé nesta missão. A vida de Jeremias é a garantia da continuidade do projeto de restauração do povo depois da destruição. Esta afirmação tem base sólida nos acontecimentos narrados em 38,15-18, onde Javé premia com a vida a atitude de Ebed-melec. Assim, um dos objetivos do texto é: o respeito irrestrito da vida daqueles que agiram conforme Javé pede. Esta é a lição de um autor piedoso no período do cerco de Jerusalém. E esse autor pertence ao movimento profético popular. Em tempos de guerra um funcionário estrangeiro “age” valentemente e consegue salvar a vida de Jeremias e com isto garante sua própria salvação (39,15-18). E essa salvação converte-se na garantia de vida num contexto de miséria, morte e deportação. A vida converte-se em esperança de restauração de um povo prestes a ver sua cidade destruída. É a garantia de um futuro melhor, de um recomeço.

Deve-se continuar refletindo a partir do resgate da vida. Isto, porém, não deve ofuscar a centralidade do livro em relação à solidariedade plena e efetiva dos grupos presentes nos relatos não só das personagens centrais, mas de toda a comunidade de pequenos e pequenas que estão fazendo teologia desde seu espaço cotidiano de atuação. Essa solidariedade é muito clara no texto: uns ouvem e comunicam, outros ouvem e agem mas não sozinhos, precisam da comunidade para cumprir sua tarefa. Talvez esse exagero numérico de trinta homens queira demonstrar o grande número de seguidores, de comunidades que estão a favor da prática profética do resgate da vida. Relações de dominação são incompatíveis com as relações de solidariedade do etíope e seus seguidores. Expressar isto não parece ter sido fácil para um autor nos tempos do cerco e queda de Jerusalém.

7. Considerações conclusivas

Nossos episódios 38,7-13 e 39,15-18 fazem parte de um contexto literário amplo que lhe dá sentido. O conjunto literário de 37,1 a 40,6 é considerado central por sintetizar um momento crítico do sofrimento da vida do profeta. E esse sofrimento é concretizado na experiência de morte devido à falta de pão vivida por Jeremias. Embora o sofrimento do profeta seja um elemento constitutivo em 38,7-13, há outro elemento que é primordial e consiste na prática profética do resgate da vida experimentada pelo etíope eunuco e pelos outros grupos que estão presentes nos textos.

Concluindo, estamos diante de duas narrativas (Jr 38,7-13; 39,15-18) que ilustram as relações de solidariedade comunitária em tempos do cerco babilônico. Estas relações solidárias permitem a libertação de Jeremias. Pois neste tempo a garantia de vida é a única possibilidade de restauração do povo.

O estudo do texto de 38,7-13 permitiu-nos uma aproximação dos grupos e das comunidades que ajudam a resgatar a vida de Jeremias. Também ajudou-nos a caracterizar a autoria do texto como pertencente ao movimento profético popular. Pela vivacidade com que são apresentados os textos, intuímos que não se trata de redatores deuteronomistas e sim de um autor do tempo do cerco e queda de Jerusalém, que conta de maneira piedosa como Javé atua naqueles/as que agem segundo seu mandato.

O estudo teológico dos textos permitiu-nos resgatar uma teologia popular desde os pequenos/as, anônimos, estrangeiros. Teologia que consiste na solidariedade plena e efetiva que possibilita as expectativas de restauração da cidade depois da destruição.

Por último, estes estudos nos desafiam a seguir construindo novas linhas de interpretação do texto, que saem da interpretação eclesial tradicional na qual se apresenta como eixo teológico o sofrimento do profeta. Além disso, é muito interessante salientar, ainda, a importante presença dos povos etíopes na corte de Jerusalém. Vemos nisso um grande legado cultural e religioso da teologia etíope na teologia israelita. Desde uma crítica feminista chama nossa atenção a retórica dos textos na qual os atores femininos desaparecem deste trecho literário. Embora o cerco e queda de Jerusalém sejam protagonizados por homens, vemos que nos anos de exílio as mulheres e as crianças são as mais afetadas. Vemos nisso não só a insistência de um Deus que se revela a partir das figuras proféticas masculinas mas também um Deus que oculta e silencia a atuação das mesmas.

Maricel Mena López
Rua 7 de Setembro, 395/ap. 32
São Bernardo do Campo/SP
09625-060
maricelmena@ig.com.br